

SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

PUBLICIDADE CALDEVILIZADA



Continua no próximo número

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1319 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

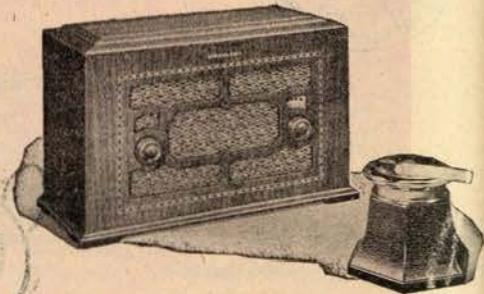
Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

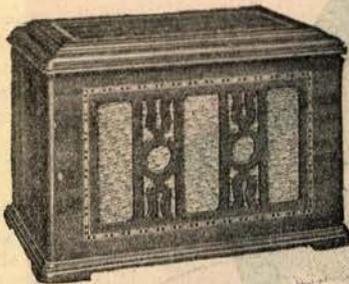
3 soluções económicas de ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização triplo. Caixa de execução cuidada em noqueira.

Esc. 1.000\$



Modêlo 155



Modêlo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

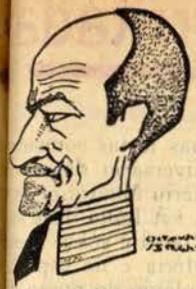
Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modêlo 246

ELECTRÓNIA L.ª da,
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

A mulher de certo industrial de seu, cujo nome não vem para o caso, encontrou nas algibeiras do marido uma chave que não servia em porta alguma do lar conjugal. Feita esta verificação, guardou a chave e pôs-se a congeminar. De dedução em dedução, chegou à conclusão de que esse estranho objecto só podia ser a chave da casa em que morava uma mulherzinha cuja reputação andava assoalhada pelas bocas dos maldizentes como íntima conhecida do industrial.

Resolveu certificar-se. Esperou pela noite e saiu, marchando pela rua fora cozida com as paredes. Chegada ao portal da outra, applicou a chave, que se adaptou sem dificuldade e fez girar a lingueta. Empurrou com a mão. Um dos batentes girou nos gonzos, atenteando o vestibulo. Não havia já dúvida possível.

Nesta altura, confirmada a suspeita, devia ter-se vindo embora. Mas subiu uma coisa por ela acima», como depois confessou. E essa coisa impulsionou-a a transpôr o pátio, trepar a escada em pés de lã, até desemboçar nos aposentos da comborça. Então é que foi o bonito. Frente a frente as duas rivais, nenhuma de ellas pensou em fazer como a viscondessa de Fleury que em certo dia do século dezóito cruzou o seu florete, em duelo regular, com uma ex-amiga que lhe fizera descarrilar o marido. Como boas portuguesas, e sabendo que o duelo é coisa condenada pela religião, pela lei, e até pelo bom-senso, as duas émulas visienses deliberaram degladiar-se à boa maneira portuguesa. Atiraram-se uma à outra. Mas a espôsa ultrajada levou a melhor, como era de justiça, porque empunhava como arma ofensiva a própria chave denunciadora. Malhou na rival como em canteio verde, deixando-a — a frase é do correspondente do *Janeiro* — «um santo

sudário». E ainda não contente com semelhante sorte de Verónica, arrancou-lhe uma enorme mecha de cabelos. Em seguida, regressando ao lar, ofereceu esse opimo despojo de guerra... ao marido. Um pouco mais, e ter-lhe-ia levado a própria cabeça da contendora, ao velho modo tupiniquim.

Fêz bem? Fêz mal?

Eu entendo que fêz muito bem. Porque o que mais deve arrelhiar uma mulher atraçoada é comparar-se com

a amante do marido e reconhecer-se superior. Quando esta é soberanamente bela e distinta, a primeira é levada a perdoar, a desculpar o criminoso, porque os homens são assim desde o principio do mundo e nenhum de elles resiste ao que se mostre muito bom. Se é mais feia, porém, ou asselvajada, a traição constitui uma ofensa maior. Requestando-a, o homem casado implicitamente deprime as qualidades físicas e morais da que levou ao altar.

Ora a concubina do industrial beirão deve ser bastante «bota de elástico», muito distanciada das Ninons modernas. A prova está em que usa ainda cabelos compridos. Se os usasse à Joãozinho, não poderia a ofendida, subitamente transmutada em ofensora, arrancar-lhos, por falta de presa. E talvez não tivesse provocado na sua alma tanta indignação e tamanho furor. Viseu é hoje uma cidade policiada e com todos os requintes da civilização. A espôsa do D. João visiense deve trajar bem, pelo *dernier cri* parisiense, e usar todos os arrebiques da moda. Como não havia de sentir-se cruelmente ferida na sua dignidade ao enfrentar a outra, uma *patega* e um *vasculho*?

Bateu-se, e bateu. Com denodo e pela medida grande! Nunca as mãos lhe doam. E que o episódio sirva de exemplo às mulheres que se não pejam de aceitar os requebros de homens casados. As que tiverem relações com individuos nestas circunstâncias, podem entregar-lhes a chave do seu coração, mas nunca a da porta da rua. Esta, além de servir às mulheres legítimas para assaltarem a fortaleza, tem ainda a utilidade de armar em instrumento de combate. E a pegar o precedente agora aberto, começarão as mulheres casadas a ser verdadeiras heroínas de chaves.

Uma dúvida justa

O José da Mota Cruz,
Um rapaz que era um consolo
Vê-lo guiar um carrinho,
N'um desastre, em Albufeira,
Esbarrou-se e catrapus
Foi de ventas à torneira
Pondo uma perna n'um bolo
E n'outro bolo o focinho.

Aeudiu-lhe a medicina
Com muitas lérias e tretas,
Ungtientos, vaselina,
E Raios ultra-violetas
P'ra que não ficasse coxo.
Mas a-pesar-disto tudo
(Esta vida é um canudo!)
O Zé da Cruz, desta feita,
Ficou de perna direita
Mais torta do que um arroxó.

Agora êle, coitado,
Anda apreensivo, ralado
Por uma dúvida atroz,
Dúvida cheia de horrores
E que, qual forte maleita
Ou impiedoso algoz
O traz sempre arrepiado,
De alma fria e quasi morta:
— Qual é a perna direita?
E' a direita que é torta
Ou a esquerda que é direita?
.....
Respondam, caros leitores.

Dr. Knox.

— 13 — Marcial Jordão.

Balancete da semana

Vem num jornal da América
esta coisa quimérica;
a que a imprensa começa a entoar loas:
nos Estados Unidos
são tantos os veículos vendidos
que há um por cada lar de três pessoas.
Tôda a gente tem carro, e anda de Ford,
qual se fôsse tão rico como um lord.
Mas — pergunto eu — como acontece então
que tenham permitido os negros fados
que no último verão
houvesse lá dez mil atropelados?
Só se essa gente, embora possuidora
de *torpedo* e *coupé*,
é como certa actriz encantadora
que tem carro e anda a pé...

Um senhor Avelino,
morador em Caminha e homem perfeito,
tinha por inquilino
o juiz de direito.
Passou o magistrado as férias fora
da vila encantadora
que no Minho e no Coura se reflecte;
e ao regressar à casa hospitaleira
achou pregada a porta, de maneira
que, para entrar, passou o diabo a sete.
Vai de aí, processou o senhorio:
dezoito contos de fiança... Apanha!
Tem o Avelino de atirar-se ao rio
ou mudar-se p'ra a Espanha.
Vão sobre êle cair sanções severas.
Já lá diz o rifão:
«Nunca jagues as peras
com quem fôr teu patrão».

Mais solene que a nave de uma igreja
e mais melifluo do que uma elegia,
Doutor Bento Carqueja
botou fala na douta Academia
p'ra afirmar que o discurso do Julho,
feito em Paris — esplêndido e facundo —
(tinha-lho dito há pouco um seu vizinho)
fôra lido e admirado **em todo o mundo**.
Nada menos. No género «garganta»
é do melhor que temos visto. Emfim,
se o mundo assim se espanta
e se entusiasma assim
com as frases de um triste português,
não tarda muito, então
que dos caids de Fez,
das gheishas do Japão,
e até do parlamento javanês,
cheguem cartões de felicitação.
«Em todo o mundo», doutor Bento? Aposto
se, mesmo em Oliveira de Azemeis,
houve um homem que o lêsse e achasse a gôsto
ou que desse por êle cinco reis!

Turiddu.

Discursando nas festas comemorativas do 11.º aniversário da marcha sobre Roma, proferiu Mussolini as seguintes palavras: «A Itália deve ser a primeira sobre a terra e sobre o mar, nos céus, na matéria e no espírito».

Ressalvado o plágio do nosso hino nacional, achamos bem, porque está dentro da lógica mussolinica. O diabo é que, se o Duce toma conta da terra, do mar e dos céus, e ainda por cima da matéria e do espírito, não fica grande lugar para as outras nações.

Com certeza Hitler reponta. A não ser que a Itália, já que se apodera do globo terráqueo, deixe para o Führer o planeta Marte, tanto do seu agrado. Naturalmente, a França ficará com Vénus. A Inglaterra, com Neptuno, deus dos oceanos. A Rússia, que come os próprios filhos, com Saturno. A Espanha, com a lua, onde parece que já assentou arraiais.

E Mercúrio?

Esse, será distribuído por todos. E não deve chegar para as necessidades.

Na *Voz*, um Fabiano, que se assina apenas com a primeira letra do seu nome, alvitra que a futura Emissora Nacional dê pouca música e muitos discursos e conferências. O povo português — assevera êle — precisa mais de instruir-se que de divertir-se. Portanto, leve o diabo as canções populares mais as cega-regas das revistas, e venham discursos. E como os pobres não podem comprar aparelhos receptores, importa que tôdas as câmaras municipais adquiram boas radiolas e as ponham às varandas dos seus edifícios, para que os populares possam ouvi-las.

O Senhor nos acuda e permita, em sua divina misericórdia, que a ideia não seja posta em prática! Caso contrário, teremos todos — excepto os que padecerem de insónias — de voltar-nos para o estrangeiro. Já estamos a ver o que será, transmitida pelo rádio, a leitura de um capítulo do sr. Joaquim Leitão ou de uma comunicação matemático-genealógica do sr. António Cabreira. Antes o jazz de Londres ou as lúgubres canções árabes de Alger!

Quem não puder comprar a **MARIA RITA**, peça-a emprestada. Desta

:: forma terá graça, de graça ::

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

PROJECCÕES DE BRAGA

Um Simplicio que sai complicado — O que êle era e o que êle é — Um dos papo-sêcos da casa das Carvalheiras

O nosso amigo *Simplicio Prudêncio*, mesmo antes de ter nascido, era; como o seu nome indica, duma simplicidade a tôda a prova e duma prudencia nunca vista.

Ao ser encomendado para França, sempre se recusou terminantemente, e dos futuros Pais viram-se na dura necessidade de manter uma correspondência aturada no intuito de o removerem do seu teimoso propósito.

Porém o Simplicio, adivinhando talvez que êste mundo é cheio de complicações, não dava sinais de da.

A paternidade, fartíssima já de dirigir cartas, postais e até telegramas em resposta paga, acorda com a vontade no envio duma carta registada em aviso do recepção.

Perante uma intimativa desta ordem houve que fugir. Alguns meses passados surge o Prudenciozinho, que, em vez de chegar de Paris numa cestinha cheia de enfeites, vinha da Flançes numa embalagem de fôlha da mesma região; e, enquanto o Pai Prudencio ficava radiante verificando que o filho desde tenra idade dava mostras de honrar o nome de familia, a Mãe, embora satisfeita também, via-se aflita com as primeiras impressões, pois não contava com uma encomenda de semelhante grandeza; — 7 quilos, pêso bruto.

Passados os suores frios e estabelecida a normalidade, Prudêncio pai, nota com surpresa que o herdeiro havia feito a sua apresentação meses antes do prazo legal, do que dá conhecimento à tremosa cara-metade, naquela altura com cara de poucos amigos. Acode a parteira a informar que o sucedido era freqüentissimo no nosso século, em que a petizada, com a mania das velocidades, preferia à ordinária, a via aêria.

Achou como boa a explicação o felicissimo papá que de vias conhecia somente a existência da via larga e reduzida.

Como nasceu de noite, assim veio a luz eléctrica o nosso Simplicio, que se ia desenvolvendo pouco a pouco, num berreiro permanente e num pedalar

lar constante, facto que imenso orgulhava o velho Prudêncio grande entusiasta das corridas de bicicletas.

Quem pedala sempre alcança, diz o Dr. Knox — e é verdade.

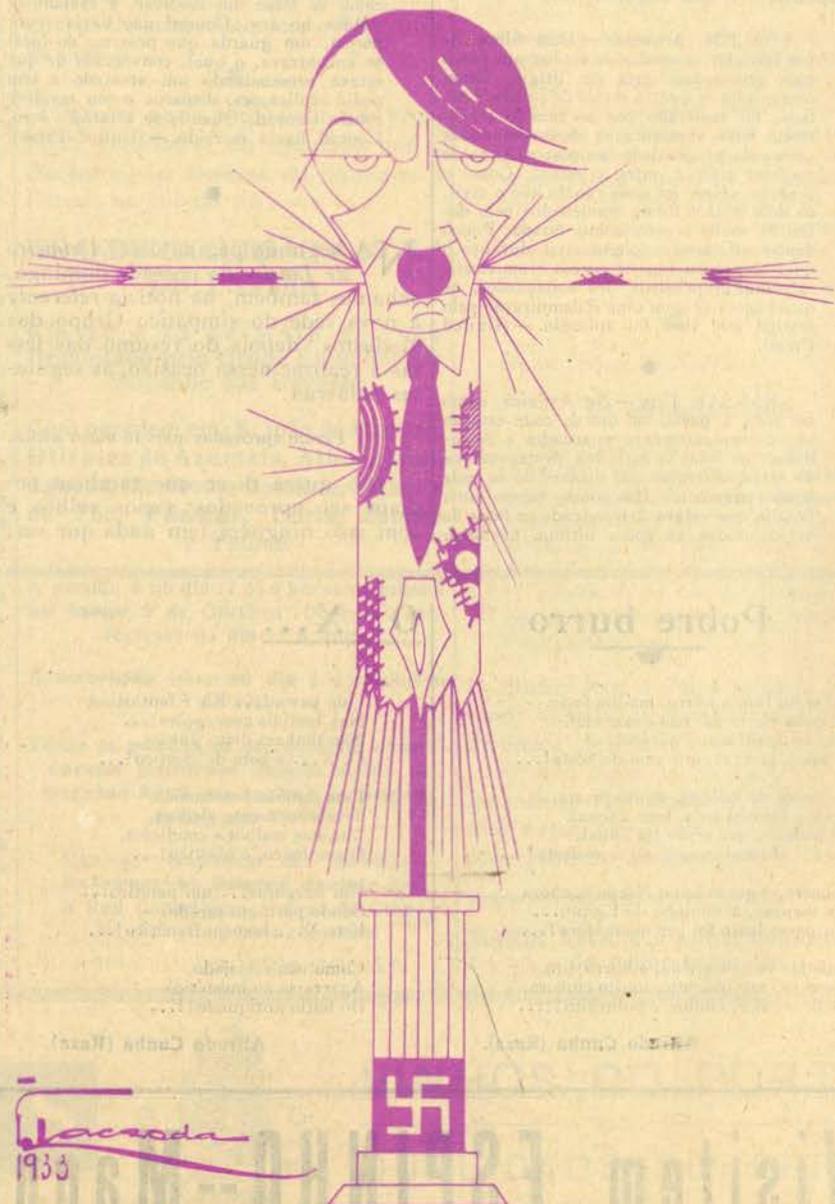
Quando já homem, o Simplicio Prudêncio alcançou uma formatura de que não faz uso e dum fraco que o leva a fregüentar uma elegante casa das Carvalheiras, com a esperança de alcançar ainda... o prêmio do americano.

Sal & Pimenta.

OS MEUS BONECOS

XV

AOS ALEMÃES



Projecto para um monumento a Hitler quando acabar a próxima guerra...

Curiosidades...

OS leitores dos jornais diários, perdem, por vezes, excelentes ocasiões de saborearem os melhores pitêus que, por 30 centavos, lhes são fornecidos. Quasi sempre, por ideias feitas, deixam de ler nos seus jornais aquilo que, pôsto numa publicação humorística, lhes faculta uns minutos de distração livrando-os dos maus pensamentos e do tédio da vida.

Por isso, MARIA RITA, fiel à sua missão de grande matrona do riso tripeiro, dá hoje aos seus leitores as «Pequenas histórias americanas» que, com a devida vênia, recorta do honesto *Diário de Lisboa*, de 27 do mês findo.

Leiam-nas, e digam depois se fazem bem em dá-las a conhecer. Do bom acolhimento desta nova secção dependerá o seu seguimento.

SALEM, Arkansas — Dois filhos de um lavrador, acusados de roubar um porco cuja propriedade está em litígio, foram condenados a quatro meses de prisão. Este facto foi motivado por ao mesmo tempo terem sido apresentadas duas demandas acêrca da propriedade dos porcos. Uma de carácter civil e outra criminal. Como o processo crime foi mais rápido que o civil, os dois irmãos foram condenados pelo delito de roubo à pena acima citada. Pouco depois julgou-se o pleito civil durante o qual se provou que os porcos eram efectivamente propriedade dos condenados, os quais agora exigem uma indemnização pelo castigo que lhes foi aplicado. — (United Press).

KANSAS, City — Na América, como em toda a parte, no fim de cada estação são convenientemente guardados e defendidos com bolas de naftalina, protegendo-os da traça, os traços que deixam de se usar temporariamente. Há pouco tempo uma família que estava arrecadando os fatos de verão usados na época última, telefonou

para o hospital central de Kansas e perguntou, com certa aflição, qual era o remédio urgente que se devia aplicar a uma criança que engulira uma bola de naftalina. O médico que atendeu o telefone deu as instruções necessárias e ao mesmo tempo perguntou com interesse se a criança de facto havia engulido a naftalina. Como resposta foi-lhe dito: «Por enquanto ainda não, porém, como neste momento estamos arrecadando as roupas de verão, recemos que o bebé de um momento para o outro apañe uma bola e a engula». — (United Press).

NOVA YORK — Diz-se que alguns policiaes nova-yorquinos se habituaram a disparar primeiro as suas armas e perguntar depois. Este costume, em muitas ocasiões é hoje em dia bastante útil, porém, agora levou a um erro fatal. Fred Conrad, viu numa rua deserta um amigo e aproximou-se dele sem ser pressentido. De brincadeira, colocou-lhe uma chave nas costas, como se fosse um revólver, e exclamou: «Mãos no ar». Conrad não havia visto, porém, um guarda que próximo do local se encontrava, o qual, convencido de que estava presenciando um atentado e sem pedir explicações, disparou o seu revólver contra Conrad. Quando se aclarou o erro, Conrad havia morrido. — (United Press).

NA segunda página de *O Primeiro de Janeiro* do passado domingo, achamos também, na noticia referente à nova sede do simpático Grupo dos Modestos, depois do resumo das festas a realizar nessa ocasião, as seguintes palavras:

Foram aprovados mais 16 novos sócios.

Isto quer dizer que também podiam ser aprovados sócios velhos e com isso ninguém tem nada que ver.

Pobre burro

Tu trata bem o burro, faz-lhe festa,
Se coice êle te dá, não é por mal,
'Stá no feitio seu, é natural...
O coice, já se vê, que vem da besta!...

O burro, do molciro, muito presta,
Leva a farinha tôda, êste animal,
Ao padeiro, que o pão faz afinal,
Para a abastada gente, ou a modesta!...

O burro, é quem levou Nossa Senhora
E o menino, a caminho do Egipto...
Em passo lento foi por monte fora!...

Quantas vezes na vida, o burro cito,
Como um ser inocente, muito embora,
Me dê o coice, enfim, o pobrezito!...

Alfredo Cunha (Raza).

O. X...

Que pavor!... Ele é fantástico,
Nas bestiais concepções!...
Não tenham disto ilusões,
O. X... é bota de elástico!...

Este farófiás bombástico,
Tendo na mente aleijões,
'Stá nas melhor's condições,
O seu físico, é plástico!...

Um ferrabraz... um patético...
Sendo portanto tarado,
Este X... homem frenético!...

Como não é viajado,
Agarra-se ao inestético
Do feitio antiquado!...

Alfredo Cunha (Raza).



Argumento forte

No passeio das Cardosas.

ELE, a flamar indolentemente, de grande bengala enganchada no braço. Ao seu encontro, de grande monte de jornais sobraçados, vem o amigo.

ELE, chamando o amigo para o lado, confidencial — Então? Soubeste daquela minha grande polémica com o Arruda, polémica que acabou numa cena de pugilato, ali à porta da Brasileira?

O AMIGO, carregado, mudando os jornais do braço — Se soube! E até, pelo que me dizem, parece que não saíste lá muito bem da contenda.

ELE, conformado — E' verdade! O Arruda tem o pulso rijo, mas deixa que ainda hás-de ver o bom e o bonito. Vou continuar a campanha, vou-me munir de novos argumentos e verás como o escacho nos jornais.

O AMIGO — Mas assim o que arranhas é que êle te volte a bater. De resto, francamente, não sei quais os argumentos que tu possas apresentar, não sei em que te apoias neste momento para poderes continuar a polémica...

ELE, exaltado, comodamente encostado ao seu bengalão de policia — Em que me apoio? (apontando o bengalão) Pois tu não vês que é na bengala?

Dr. Knox.

Os impossíveis deste mundo

(Ao meu amigo Manuel Augusto)

— Oscular pessoas com bocas de metralhadoras.

— Fazer cócegas nos pés de meia.

— Substituir os traços de união por traços fisionómicos.

— Desfrutar panoramas do cimo da crista de um galo.

— Alinhavar roupa com linhas de tropas.

— Meter uma espingarda à cara de uma formiga.

— Ceifar um batalhão de tropa, com foices de cegar erva.

— Fabricar um chapéu com a copa do torréo da Caixa Geral.

— Desolhar espigas com mãos de vaca.

— Assar castanhas da traça.

— Apañhar flores no jardim das Virtudes.

— Arvorar bandeiras de cana.

José A Pereira da Costa.

Visitem ESPINHO -- Magnífico Casino

DESCANSO SEMANAL

Aonde se vai provar que as asneiras são como as cerejas num cesto. Puxando-se por uma sai um cento

A coisa não vai há tanto tempo que V. Ex.^{ta} já tenham esquecido de vez...

Falando assim, queremos referir-nos àquele formidável correspondente da Madalena que costuma escrever asneiras na *Luz do Operário* do vizinho concelho de Gaia.

Nos celebrados tempos do Damião, conquistou este homem, que se chama Arraul Santos, as esporas de ouro para escrever melhor.

Julgávamos nós que, por essa razão, o hominho tivesse recolhido à insignificância. Mas não!

Ei-lo aí, e de cada vez pior.

Da Madalena

Os Aérolitos — Estradas —
Escolas — VARIAS

Causou aqui a mais fatídica admiração, dando motivos das mais desconexas idéas o fenómeno astrológico decórrido há dias.

Pessoas houve que alarmaram a povoação com o vaticínio dum próximo «fim do mundo».

Não queremos dotar a caneta com o peculio da liquidade ao analisarmos o estado crítico em que se encontram as nossas estradas, se tal fizéssemos diríamos que apenas possuímos 3 estradas em satisféveis condições, que são: Crasto, Gomes Júnior e Guim. Mas como não nos seduzimos pelas grandezas solicitamos que nos satisfaçam as nossas exiguas exigências, como cõta da nossa existência social; que são, reparar o trecho que vai do Morroir ao Crasto do Monte e da Marinha.

O ano lectivo que passa encontra dificuldades nesta localidade. Apenas possuímos duas escolas de pequenas dimensões, que não chegam para metade das crianças existentes. É pois de grande necessidade a construção de mais um foco

de luz para satisfazer as nossas promiscuidades.

R. F. S.

Este homem é único! E a verdade é que a sua prosa chega a causar-nos a mais fatídica admiração! A-pesar-de tudo, porém, não conseguimos alcançar os fins que se propõe o sr. Raul F. Santos rogando aos poderes públicos que lhe concedam um *foco de luz para satisfazer as promiscuidades*.

Estes e outros é que fizeram com que se chamasse Marrocos a Vila Nova de Gaia!...

Vamos agora reproduzir um prospecto elucidativo da excursão que a *Barbearia das Devezas* vai promover a Fátima no ano de 1934.

GRANDE EXCURSÃO A N.ª S.ª DE FÁTIMA

Em 12 e 13 de Maio de 1934
Organizado pelo Grupo Excursionista
Mocidade das Devezas

Com paragem em: S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis, Albergaria, Agueda, Mealhada, Coimbra, Figueira da Foz, **Ponbal**, Leiria, Batalha e Fátima

A partida é no dia 12 ás 6 horas da manhã no largo 5 de Outubro (Devezas), com regresso no dia 13 a noite

A **exercição** abre no dia 1 de Outubro de 1933

Tõdas as **pessoas** que queiram **exercer-se** poderam faze-lo desde já pagando 25\$0 por semana, ou pagando tudo junto 75\$00

Qualquer **pessoa** que **deseje** **exercer-se** deverá **derigir-se** à Rua Conselheiro Vellozo da Cruz N.º 218 (Barbearia) Devezas

A COMISSÃO

Leiam e digam-me depois se não é caso para a N. Senhora de Fátima fazer o milagre de escanhoar os promotores da coisa, ou iluminá-los para que não produzam tantas asneiras.

E' mais um de Gaia!...

E já que mostramos como é tratada em Portugal a lingua portuguesa, damos abaixo a cópia de um *olsamento de pintora*.

olsamento de mão de obra de pintora do andar simeiro da casa da ribeira todos os portais que beijo necessários pintar preciso de ser queimadas litchadas levar o a parelho e 3 mãos de tinta e preparalos nas devidas condições retucar o engradiamento portais enporta em 18 podentro e por fora onde seja necessario e dar uma mão de moralinne au sobir das escadas e na baramda a cuantia de 300 escudos.

João Pereira.

De o *Jornal de Noticias*:

Os atropelamentos

Na rua Formosa, proximo do mercado do Bolhão, foi atropelado o carro de mão que conduzia o moço de lavoura Lino Pereira, 23 anos, do lugar de Vale de Ferreiros, Rio Tinto, que sofreu contusões e escoriações na região dorsal.

Conduzido ao hospital da Misericórdia, foi devidamente socorrido, recolhendo em seguida a casa.

Quem teve a culpa de-certo foi o outro veiculo, porque este não podia de forma alguma ir fora de mão.

O que devia ter graça era a cara do médico do hospital!... A não ser que nesse dia o médico de serviço fõsse também carpinteiro.

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

Sarcey Júnior

Os seus afazeres e a sua ausência durante alguns meses, do Pôrto, veio afastar do nosso convívio o nosso querido SARCEY JÚNIOR, crítico dos quatro costados e dos de quebrar antes que torcer.

A sua ausência põe-nos tremeliques de emoção na voz — e com ele vai esta vil víscera que se chama coração.

A secção «Teatras & Cinematográficas» (não vos alegreis!) não dará, porém, o seu último suspiro.

Outro amigo, velho amador e apreciador de teatro, vem ocupar o lugar de SARCEY JÚNIOR, substituindo-o nessa tarefa — começando já no presente número.

SARCEY SENIOR — assim se chama o substituto de SARCEY JÚNIOR — seguirá as normas e a orientação dêste e nunca se esquecerá que a divisa desta secção é: «Sob o manto diáfano do Humorismo o arrôcho têsso da Verdade».



SÁ DA BANDEIRA

A Feira da Alegria, revista em 2 actos, vários quadros, quadrinhos e cortinas.

A peça

A Feira da Alegria — que a companhia de Lisboa, com dinheiro do

Maria Helena



Um pau por um olho

“Sob o manto diáfano do Humorismo, o arrôcho têsso da Verdade”

Pôrto, que se mostra no simpático Sá da Bandeira exhibe — tem mais fogo de vistas do que a que se chamava Fogo de vistas. Esta Feira da Alegria — feira de mulheres nuas, melhor seria — dizem ter sido parturejada por três revisteiros, não contando com a bicha dos que estão por detrás da cortina, a não ser que esta revista fuja à regra...

São apresentados como seus autores Lino Ferreira, Fernando Santos e Amadeu do Vale e, como autores do fungágá, Raul Portela e Raul Ferrão.

Lino Ferreira é o empreiteiro-mor — empreiteiro e padrinho — das peças teatrais. Ele é que corta e distribui o bôlo, mas fica sempre com a melhor parte... É um homem que vê muito bem, não tivesse êle vendido, durante muitos anos, milhares de candeeiros!...

Fernando Santos é um talentoso rapaz (isto é dito muito a sério) que trocou a pintura da arte, na qual era um valor, pela vagabundagem (sem double-sens) dos palcos, escrevendo revistas e com as quais não ganhará fama, mas ganhará provento...

Amadeu do Vale é um rapaz que vale mesmo, se não o Lino fazia-lhe uma figa...

A Feira da Alegria é melhor do que muitas revistas e pior do que algumas. Originalidade e novidade não se toparam ali, nem mesmo é preciso — pois já estamos acostumados. Mas está limpinha de ideias, asseada de vestimenta e pôdorrosada (isto é que é do Edurisa!) de cambiantes. Sem parecer o mostruário duma tinturaria, é um interessante cock-tail de côres e luz. Entra pelos nossos olhos dentro (já vêem que a MARIA RITA não é tão má como a pintam...) como um espectáculo agradável, mais agradável ainda com aqueles apetitosos

nacos de boa carne da perna e da pá — que ali é abundante, sem ôsso nem gorduras que se deitem fora... Quasi tudo aquilo é chicha limpa, tenra e saborosa... Mas, como fomos dizendo e contando, A Feira da Alegria saiu das mãos dos seus autores com pouco trabalho, pois êles o que mais fizeram foi indicar o roteiro para uma indumentária puxavante.

O costumier, e o cenógrafo ficam sendo os melhores autores da revista.

Desempenho

Classificação por valores:

Teresa Gomes, 50; Beatriz Costa, 14; Maria Helena, 13; Rosalina Sayal, idem; Elisa Carreira e Maria Salomé, 12; Aurora Amendoim, 10; Georgina Cordeiro, 8; Deborah de Oliveira, 2. Alvaro de Almeida, 30; Nascimento Fernandes e Carlos Alves, 16; Santos Carvalho, 15; Jorge Grave, 15; Alcibiades, 3; Bailarinos, 15.

Plásticas

Classificação por valores:

Maria Helena, 1570; Rosalina Sayal, 40; Elisa Carreira, 30; Aurora Amendoim, 25; Georgina Cordeiro, 24; Maria Salomé, 23; Tereza Gomes (plás-

tica incôgnita); Beatriz Costa, 10; Deborah, 2; Bailarina Mora, 40.

Coristas: Madame Santos Carvalho, 40; Claudina, 35; Ema, 35;

Leonor, 30; Maria Pinto, 20; Lucília, 15; Júlia, 10; Elisa Amélia, 6; Mançeta, 1; as restantes quasi setenta.

CARLOS ALBERTO

O Campeão, farça em 3 actos.

O Carlos Alberto — que o nosso primo Artur Mota dirige em estilo D. João V, em nogueira americana — abriu as suas portas à valentona, feito campeão, e com O Campeão à frente e para a frente.

E o que é certo é que O Campeão mais uma vez venceu em toda a linha, singrando de cabeça levantada e chegando para afligir o seu adversário que, por êste andar, passará da feira da alegria para a parada da tristeza...

O Campeão é uma farça musicada 100 % Vasco Santana. Tirem-lhe o Vasco — e verão depois para onde vai o sucesso. Se o Vasco não é o autor da farça (êle agora também é dramaturgo!), parece.

O Campeão tem 3 actos, como toda a peça que se presa. O primeiro é o mais sonoro, pois as personagens passam a vida a insultar-se umas às outras, o que se vai repetindo, embora mais delicadamente, nos restantes actos. Ele é um constante matraquear de burro, bruto, aldrabão, estúpido, assassino, e muitos outros expressivos espécimens

No próximo número, MARITA publicará: Carta à atriz Maria Matos Cinemas, Notas,

• • • Ecos & os, etc. • • •

duma fraseologia de punhos de renda, sem ser, todavia, a que usa o Júlio Dantas quando se baba ao ouvido da Madame X...

Não lhe falta humorismo, deve dizer-se em abôno dessa respeitável matrona que se chama Verdade. E o público, segurando a barriga com medo de algum esforço mais insólito, ri do principio ao fim. E como os preços são baratos e o que a gente quer é rir-se — o Carlos Alberto, com a graça do Macedo e do Mota e a ajuda do Vasco, vai singrando de velas pandas num mar bonançoso.

Desempenho

Vasco Santana, 1000 valores; Cremilda de Oliveira, 30 valores; Célia Mendes, 35; Maria Emilia Rodrigues, 10; Ivone Pereira, 5; Alberto Ghira, 30; Gil Ferreira, 25; Alfredo Sousa, 15; Francisco Costa, 10.

Plásticas

As únicas que podem ser classificadas, são Maria Emilia Rodrigues e Alberto Ghira, que mostram umas nesgas das pernas, e Vasco Santana, que nos patenteia toda a harmonia do seu corpo de Efebo... cabeludo. Assim, daremos:

Maria Emilia Rodrigues, 2 valores; Alberto Ghira, 1 valor; Vasco Santana, 100 valores, mas desde já dizemos que êle não é dêsses...

Novas, Ecos & Boatos

As ingénuas piadinhas do nosso último número irritaram a sensibilidade histórica e clorótica de certa gente. Bramaram, torceram-se e amaldiçoaram o autor desta secção. O que vale é que nem todas as vozes chegam ao céu...

— A atriz Elisa Carreira aparece agora sem maillot. O que é bom é para se ver...

— A atriz Maria Matos, que vai estreiar-se no Avenida, de Lisboa, interpretará a personagem principal do Amor de... Perdição.

— O quadro Rua de Sevilha, da revista Feira da Alegria, vai denominar-se Parada dos Monstros.

— A atriz Beatriz Costa, em certos dias da semana, fecha a porta do camarim e isola-se de todos. Andará a praticar para freira?

— Com as estrelas do elenco do Sá da Bandeira há de dar-se o que se deu com os grilos do Padre Patagonia: comerem-se umas às outras. As coristas, essas já se vão comendo umas às outras...

— A atriz Cremilda de Oliveira, no Campeão, por vezes, parece que está a declamar as tiradas dramáticas do Amor de Perdição.

— Que lindas novelas de amor se faziam com as biografias dos apaixonados frequentadores da caixa do Sá da Bandeira!

— A atriz Maria Emilia Rodrigues parece que declama a chorar.

— A atriz Beatriz Costa, na apoteose final da Feira da Alegria, quando aparece de plumas e lantejoilas, parece que vai para a dança da luta.

— O actor Francisco Costa, que representa, canta e dança, está no Carlos Alberto, numa companhia de declamação. Bem se diz que no teatro anda muita coisa invertida.

— Suspensas rigorosamente as entradas de favor diz o Sá da Bandeira na letra dos seus anúncios, assim à guisa do que soem dizer (como diria o Edurisa) os cinemas cá do burgo. Já o público fica sabendo que, quando não vem nas gazetetas esta pitoresca afirmação, as salas de espectáculos teem concorrência... de borlas...

— Não nos enganamos na nosso último número: Maria Helena é, na Feira da Alegria, mais uma mulher que se mostra do que uma atriz que representa...

— Aquela chuva de estrelas do outro dia, foi cair inteirinha no Sá da Bandeira. O que se não sabe ao certo foi o sitio onde caíram!...

Cremilda de Oliveira



A Dona Aborrecida

A MELHOR QUE EU SEI

Anevdotas, Epigramas & Calemburgos

No número 77 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 373

N.º 384

Estava um negociante a escrever a um dos seus correspondentes quando teve um ataque de apoplexia que lhe foi fatal. Um dos seus caixeiros, vendo a carta ainda por fechar sobre a carteira do seu patrão, julgou do seu dever acrescentar: «Sinto participar-lhe que, depois de escrita esta carta, morri duma apoplexia».

Remetente: X. Y. Z.

N.º 385

— Porque é que o doutor passa sempre a nove nas alturas do cemitério?

— Porque tenho ali muita gente que me deve a posição e não gosto de agradecimentos!...

Remetente: Pedro Pau.

N.º 386

Na mesa dum café, encontraram-se três cavalheiros que discutiam o valor dum livro que um deles tinha publicado.

Dizia o autor:

— Afinal que achas tu do meu livro? Bom ou mau?

— Eu — respondeu aquele a quem fora feita a pergunta — acho que o teu livro tem duas qualidades. Tem coisas boas e tem coisas novas.

O autor ao ouvir tal, sorriu satisfeito.

— Mas — atalhou o crítico — as coisas boas já são conhecidas e as coisas novas não prestam.

Remetente: Greta Garbo.

N.º 387

Certo caixeiro-viajante, andando em viagem pelas Beiras, recebeu da esposa o seguinte telegrama:

«Gregório: Minha mãe salva da operação. Livre de perigo. Quando vens? — Tua Gertrudes.»

Após a leitura deste telegrama, o caixeiro-viajante desfechou dois tiros no céu da boca.

Remetente: Olegna.

N.º 388

Um polícia dirige-se a um músico ambulante:

— Trás licença?

— Não, senhor.

— Então, acompanhe-me.

— Pois não... Em que tom?

Remetente: Rei dos Nabos.

N.º 389

Entre amigos:

— Sabes, Anacleto, morreu o Fernandes.

— O Fernandes? E eu que lhe devia cem escudos...

— Pois se lhe devias pede a Deus que te leve depressa para junto dele.

— Que dizes? Pois tu queres que eu morra?

— Assim é. Dizem que no outro mundo tudo se paga. Portanto; se te demoras por cá muito tempo e continuas a ser um teso como és, vê como há-de arranjar massa para lhe pagar os juros... e olha que no céu... os juros são altos...

Remetente: Rutra Luar.

N.º 390

Num bar:

O freguês (lendo a tabela de preços) — Triplice, Fraditine, Beneditine; Idem Nacional...

O criado — Que deseja V. Ex.ª?

O freguês — Traga-me um cálice de Idem Nacional.

Remetente: Lérias.

N.º 391

O professor — Em que batalha morreu D. Sebastião.

O aluno — De-certo foi na última.

Remetente: Amarantino.

N.º 392

— Minha senhora, está aqui o homem da luz eléctrica para ver o contador...

— Vai atrás da porta e mostra-lho!

Remetente: Otropavlis.

N.º 393

Certo lavrador muito mouco, andava na sua propriedade a apanhar castanhas, e ficou muito aborrecido ao ver que o fruto já estava podre e com buracos.

Passou um curioso e disse-lhe:

— O' tio, que tais são as castanhas?

O lavrador entende qué lhe pergunta se tem filhos, e responde:

— São tudo raparigas.

O curioso dá uma gargalhada e diz:

— Ai você tem filhas? E que tais?

O lavrador olha muito desanimado para as castanhas e responde:

— Não prestam para nada. Já está tudo furado.

Remetente: Octávia Maria.

N.º 394

Xavier Estôpa, mais conhecido por Xavierzinho entre os seus numerosos amigos, vem a aperceber-se (e já não foi sem tempo) das infidelidades da sua cara metade.

Foi uma zaragata medonha! Ele de bengala no ar, ela empunhando a tenaz do fogão, estavam prestes a exibir aos olhos da Europa aterrorizada uma segunda edição do Japão com a China, quando, providencialmente, surgiu entre ambos a figura insinuante da Paz (chamava-se Maria da Paz, a mãe dela e sogra dele), a qual disse conciliadora:

— Então que é isso Xavierzinho? A minha

filha enganou-o? Ora muito bem; diga-lhe o senhor que é um homem muito inteligente... Dizendo-lhe isso, engana-a redondamente e... ficam ambos quites.

Remetente: Reirobi.

N.º 395

Certo dia, foi despachada na estação de Lisboa-Rocio, com destino a Viana do Castelo, uma urna com um cadáver; e, como é sabido, só podem ser aceites estes transportes acompanhados do respectivo alvará. Pois o empregado que efectuou o despacho, fez na nota de expedição, esta observação: «O alvará segue em poder do próprio.

Remetente: Pirlau.

N.º 396

EPIGRAMA

Tu troças dum pobrezinho
Que não tem pão, coitadinho,
Não amalha um vintém.
— Nas voltas que o Mundo dá,
Tu d'hoje para amanhã
Podes ser pobre também!

Remetente: Rutra Luar.

Desilusão

A's vezes quando me sento
Entretido a ler a RITA,
Surge em mim o pensamento,
De casar com a catita.

Porém, depois de pensar
Fico mui desapontado,
Por não podermos entrar,
Na igreja de braço dado.

Se fôssemos viajar
Estávamos muito mal;
Pois tinha que t'arranjar,
Um combóio especial.

A porta do nosso lar,
Passaria a ser portão;
Para assim poder's entrar,
O' segundo Portorrião.

Porém, faço-te um favor,
P'ra que me não chames mau;
Deixar-te-ei ao dispor,
Do meu amigo Bisnau.

Oinotna.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Corra-camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vítor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

TERRAS DA NOSSA TERRA

Excavações na Cava de Viriato

Viseu, por dentro e por fora

Creio não aldrabar demasiado se afirmar que Viseu, é hoje uma das terras de província, que obriga o turista a pôr-se de cócoras, perante tantos melhoramentos.

E' que esta gente quando se resolve a obrar, fá-lo de harmonia com os interesses da cidade.

A-pesar-de tudo, é tão mal conhecida no Estrangeiro, que pedimos licença ao leitor para lhe mostrar por dentro e por fora, tal como veio a este mundo e com os melhoramentos com que ultimamente tem enriquecido a sua prosápia de Capital das Beiras.

Vamos procurar dar-lhes uma ideia, tão completa quanto possível, de forma que o leitor fique habilitado a conhecê-la.

Tomem sentido.

Praça da República

E' um largo onde os voluntários da República de 1910, assentaram praça e resolveram, com aquela coragem que lhe conhecemos, dar a vida, se preciso fosse, pelos ideais republicanos. E' daqui que vem o seu nome.

Vê-se logo; Praça, por lá terem assentado praça os ditos cujos.

Ao centro possui um coreto, onde segundo reza a lenda, era costume aos domingos tocar a Banda do Regimento.

Faz-lhe frente o Município, onde há uma data de empregados, empregados em dormir grandes sonecas, relazendo-se das obrigações nocturnas.

Tem também um lago, como as grandes cidades, onde se anda de barco e para onde o Carlos Silveiras, costuma ir pescar à cana.

Temos ainda, além duma cabazada de promessas, a planta da Filial da Caixa, cujo edificio se espera esteja pronto aí para o ano 2000.

Largo Alves Martins

E' um largo, com pouca largueza, mas onde muito se alargam os namorados.

Aconselha-se uma visita a este recanto pitoresco, principalmente de noite.

Largo da Feira

E' o que ali está. Quem quiser que o venha cá ver.

Avenida Alberto Sampaio

Tem este nome, mas afinal, o Alberto não mora lá.

E' ali que vivem os nossos primos todos. Eles e nós, devemos ter basto carão, visto esta artéria também, ser conhecida pela Avenida do dito.

E' uma avenida muito comprida, muito bem calcetada aos bocados, o que lhe valoriza o estilo, tornando-o variada e interessante.

Tem dois hotéis, pela mesma razão por que podia ter quatro.

Avenida da Estação

E' uma avenida, pois está claro que é uma Avenida. Se o não é de facto, ainda o pode vir a ser.

Já lá estafaram muito dinheiro, muita energia, e muito fósforo. Mas não faz mal a coisa há de chegar ao fim com muitas árvores, muitos chalets (?), muitos automóveis para baixo e para cima e muita coisa que ainda está para se inventar.

Como estão vendo, seus moços, Viseu é uma cidade moderna, onde ruas e ruelas e coisa que não existe. Só Avenidas, Largos e

Monumentos

Há uma variedade, muito variada e consideravelmente considerável.

Assim: A Sé, composta da Sé propriamente dita, Museu, Esquadra e Cadeia — A Igreja de S. Francisco — O Museu, que é composto do Museu propriamente dito, da Sé, Esquadra e Cadeia — a Misericórdia e outros de menos importância, mas que também merecem referência, e que são: a Misericórdia, o Museu, a igreja de S. Francisco e a Sé, com os respectivos anexos.

Estátuas

A de Alves Martins, de braço estendido como que a dizer às cachopas — *raparigas tomam tento...*

A de Camões, pousado num pedestal, talvez a pensar no motivo porque lhe teriam pôsto na cabeça uma coroa de espinhos.

Está cego dum olho, havendo quem diga que foi o Menino que o cegou por nunca lhe ter lá comprado nada.

Os Dois Reporters.



Cartas da Praia de Ancora

Tem Ancora, como todas as terras, os seus tipos populares. Eles ficam de todas elas, na nossa memória, no meio de ruas e casas que se confundem e sobrepõe, as únicas recordações focadas.

Foi numa das últimas tardes, na hora que o Sol, se entretem a pintar de cores garridas as nuvens e a deitar pelas montanhas um véu de ouro, que fui encontrar o Ernesto, tlintando moedas, a contar os lucros do dia.

— Boa-tarde, Ernesto!

Este amigo Ernesto, como diz chamar-se, é barqueiro no rio Ancora e consagrado tipo popular. Uma blusa comprida, calças arregaçadas, um sorriso de pateta a mostrar-lhe os dentes brancos e a cara queimada do Sol e esquecida da água.

Arrastando a nós, pergunta indolentemente:

— Quere andar de barco?

— Não, homem, venho entrevistar-te; eu quero saber o que dizes sobre o centro...

— Que centro, eu não sou o Taroco.

— Não é isso, é o centro da curya do passeio que fizeram na Praça.

Bisnau



Aqui tem um «passaro» que não perde pelo nome e é um dos melhores amigos da MARIA RITA.

— Já sei, já sei; é o que os fidalgos andam a ver se descobrem lá em cima no largo. No outro dia estive a tirar-lhes uma linha. Foi um, piscou o olho e fez pontaria pelo passeio, outro andava com um metro a medir, outro com um papel e depois entraram na farmácia, a discutir. Diziam assim: «Isto está torto, a curva está mal feita, traça-se uma linha para aqui, outra para acolá e é facilma de fazer. O engenheiro é uma bêsta.»

— E qual é a tua opinião?

O pobre de espirito, deu duas risadinhas escondendo a cara. Depois, tornando-se sério:

— Quere andar de barco, ou não?

— Diz-me primeiro a tua opinião?

— Olhe, senhor, a minha opinião, é que eles não tem que fazer e sabem tanto daquilo como eu.

Riu-se novamente, e, num desabafo:

— São uns patinhos auaus.

Sentei-me no barco que ele empurrou para a água e deslizando suavemente, fui a pensar na sinceridade deste homem simples.

E no barco embalado, na ondulação do rio, no ritmo duma canção que o mar lá longe soluçava, eu, enchendo a alma daquela policromia fantástica, que o Sol ao morrer na linha do horizonte, matizava no ar e nas coisas, quis compor uma canção que dissesse a chorar:

(Como a cantaria o mimoso poeta Gari-baldi de Esporões)

Se canto, choram os tristes...

Se choro, não ri ninguém...

E o Sol que já tinha apagado o seu último clarão nas saíças águas, tornou atrás, olhou para mim muito sério e disse num vozeirão de Ademastros:

«Olha, ó Serafim, vai cantar para o...» e a brisa fria da tarde levou o resto.

Nuno da Silva.

Décimas... dentro do praso

Não está certo!

Uma determinação,
Que há pouco foi publicada,
Vai ser bastante falada
Do norte ao sul da Nação.
Por ela, qualquer Adão
Que siga, sem embaraços,
De uma filha de Eva os passos,
Ou lhe dirija uma treta,
Paga logo — ali, à preta —
A multa de cem palhaços!

Está bem, é natural;
A lei tem o meu apoio,
Porque juntar trigo ao joio
E' manha de Portugal.
Porém, o que eu acho mal,
O que me trás descontente,
E' que essa lei, tão decente,
Não comine também pena
Quando uma qualquer pequena
Se venha meter... co'a gente!

Bisnau.

Posta restante

Mil Reis — O nosso director mais careca ainda anda à procura de palavras para lhe poder agradecer tantos encómios.

Nuno da Silva — E' muito grande o seu escrito: E depois nem o titulo lhe pôs...

Marius — Encantados por o receber. Tanto mais tratando-se de um algarvio simpaticante. Mande sempre e teremos muito gosto.

Solrac Sedeug — Recebemos e podemos garantir que não é mau de todo. Falta-lhe, porém, a percepção humorística. O final um tudo nada transformado dá alguma coisa. Dá licença que modifiquemos? Entretanto, produza mais e mande.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 32

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

4 DE NOVEMBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

BUSINA — OTTER — REI DO ORCO — SEPOL — REIROBI — OINOTNA — OTROPAVLIS — REI TINTO — TAGARELA

Decifrações do n.º 30 — 1) Papo-sêco, 2) Sor, dado, 3) Siquelista, 4) Aguardesido, 5) Reseluta-6) Tatolista, 7) Ragafada, 8) Istórica, 9) Cera, cerão; 10) Leva, Avel; 11) Oliveira de Azemeis, 12) Oliveira do Bairro, 13) Nunca o diabo mais leve, 14) Ao menino e ao borracho, poi-lhe Deus a mão por baixo.

Decifradores — Busina, 14; Otter, 14; Rei do Orco, 14; Sepol, 14; Reirobi, 14; Oinotna, 14; Otropavlis, 14; Rei Tinto, 14; Tagarela, 14; Serigaita, 13; Rei Fera, 13; Olmil, 13; Feirante, 11; Xenofontes, 11; Horáciano, 11; Só Darco, 11; Fantasma Negro, 10; F. Rodrigues, 10; Monteiro II, 10; Rutra Luar, 9; Amarantino, 9.

Charadas em verso

(Ao muito prezado charadista Otropavlis)

(1)
Um presumido menino, — 2
Há dias numa excursão,
Foi por aí fora, o ladino,
Té à vizinha nação,
Era o herói dêste conto
Um fulano que nasceu
P'ra ser na vida um bom ponto
Dos que não usam chapéu.
Cabelo muito lambido,
Voz infantil, maviosa;
Olhar meigo, enternecido,
Lisas faces côr de rosa.
Chegou a Vigo, o ratoã,
E deu-se um caso engraçado.
Os colegas da excursão,
Levaram-no a certo lado, — 1
Onde alguém lhe apresentou
Uma espanhola catita;
Que se em êrro eu não 'stou,
Se chamava *Magarita*.
Ele ao ver a rapariga
Tomar-lhe o braço ligeira,
Disse-lhe logo: — Outra vida,
Não insista que isso é asneira...
Grande porca... que atrevida!
Abraça-me! ora esta agora!
Fêz meia volta em seguida
E fugiu p'la porta fora!!!

Olegna

Novíssimas

(2)
Com uma moeda e um dardo cacei
a ave marinha. — 2, 2

Busina.

(3)
O aspecto daquele homem, não é o
próprio dum homem! — 1, 2.

Nau-Nau.

(Ao confrade Sepol)

(4)
Foge da fera que é um terrível ani-
mal. — 2, 2.

Lérias.

Mefistofélica

(5)
Cá na terra ninguém toma banho.
E' má resolução. — 2, 2, (3).

Busina.

Sincopadas

(6)
3 — O autor dêste livro é um homem
encantador! — 2.

Oinotna.

(7)
3 — Meti o borzequim no tubo. — 2.

Fantasma Negro.

Eléctrica

(8)
Pigarro ia na cauda quando passou
na minha terra. — 2.

Otter.

Aumentativa

(A' Excelente colega Serigaita)

(9)
Com a cântara vai V. ao mer-
cado? — 2.

Monteiro II.

Tipográficos

(Ao estimado Olegna)

(10)

(7 letras)

C U
R

Sepol.

(Ao exímio Otropavlis)

(11)

(6 letras)

RIO X

Otter.

(12) (7 letras)

V P

Monteiro II.

Maçadas geográficas

(13)
Formar o nome duma terra protu-
guesa com as letras da seguinte frase:

DE DIA E' SAL E PÃO RIJO!

Quim Mosquito.

(Ao Rei do Orco)

(14)
VÊ TORRADAS E MALGAS?...
Rei Tinto.

Provérbio a adivinhar

(15)
Policarpo Maldonado,
Um jovem galanteador,
De manhã ia ao mercado,
Comprar do melhor pescador,
P'ra servir ao seu Senhor.

Tôda a sopeira que via,
Um beijo lhe pespegava,
Sem temor da gritaria,
Que qualquer delas fazia,
Se o gesto não lhe agradava.

Mas um dia o Maldonado,
Pela polticia foi visto
E p'ra prisão foi levado
Depois de ser espancado,
Ficando lá como um Cristo!

E lá ficou, coitadinho,
Co'o corpo feito num feixe...
Ouvindo mui de mansinho...
Uma voz com escarninho...
.....?

Rei Tinto.

ATENÇÃO

Como muito em breve tencionamos
fazer circular um mensário charadístico,
«a sério», vimos rogar, a todos os nossos
estimados colaboradores desta secção, o
favor de nos informarem se pudemos con-
tar com a sua valiosa colaboração, aprovei-
tando o ensejo para lhes pedirmos a subida
gentileza de nos facultarem tôdas as possí-
veis indicações sôbre residências e nomes
de camaradas que cultivam tão instrutiva
arte, a-fim-de lhes enviarmos o referido
mensário

Beija-vos afectuosamente a vossa

MARIA RITA.

Colega MARIA RITA:

Como sabes, MARIA RITA, principiaram já as aulas nesta Universidade. Acabadas as cerimónias que os mestres usam nos primeiros dias para com os alunos, começaram as chamadas. Como sempre as anedotas não faltam...

Numa aula de História das Religiões:

Mestre — Acredita na infalibilidade do Papa?

Aluno — Não senhor.

Mestre — Deixe estar que o Papa há de incomodar-se muito com isso...

O interrogatório continua. O aluno agüenta-se menos mal.

Mestre — Estou satisfeito.

Aluno — E V. Ex.^a acredita na infalibilidade do Papa?

Mestre — Sim senhor.

Aluno — Deixe estar que o Papa há de incomodar-se muito com isso...

Numa aula de Direito Comercial:
Mestre — Que espécies de letras conhece?

Aluno — Maiúsculas e minúsculas.

Mestre — O senhor, por certo, não está bom!

Aluno — Não estarei, mas o que garanto é que o Sr. Dr. não é capaz de rebater a minha afirmação...

Estiveram cá os estudantes brasileiros. Festas e mais festas. Jantaram, discursos, saraus, foguetório e, emfim, o diabo a sete, como é de uso corrente dizer-se.

A propósito de estudantes brasileiros lembra-me aquela anedota passada com um dos nossos hospedes e

António Cruz, um dos mais distintos jornalistas cá do burgo.

Diz o brasileiro para o Cruz:

— Você sabe como sai um homem que cai a um poço?

— Não.

— Sai *molhado, seu moço*. O Cruz ouviu, sorriu por delicadeza e meteu também a sua colherada:

— Ouça lá: você é capaz de me explicar a razão porque um prato que se mete no forno sai assado e o pão cozido?

— Não, não sei.

— E porque, meu amigo, cada um é para o que nasce!

Vai pequena a carta esta semana, MARIA RITA. Perdoa... Mas estou com o acto da lógica à porta.

Abraça-te o

Mil Reis.

Criancices

Zequinha é inteligente,
Faz perguntas, quer saber;
Rala a mãe, tortura a gente
Para respostas obter.

Em casa é dia de festa;
Há convivas ao almoço
E sai-se à mesa com esta,
O endiabrado moço:

A mamã diz que não gosta
Que eu pergunte, isso é verdade,
Mas, nunca me deu resposta
A esta curiosidade!...

Não sei; e pergunto aqui,
Se a gente, emquanto viver,
Bebe p'ra fazer chichi,
Ou faz chichi por beber!...

Os convivas entupiram
Vendo a mãe encavacar;
E cá fora discutiram
Qual era a resposta a dar.

Um leitor, que saiba tudo
E que se queira maçar,
Dê a resposta ao miúdo...
...Se a conseguir encontrar.

Dr. Pretito.

Com o sugestivo título de: «Quero mais ao teu amor do que à tua vida», publica a revista francesa *Vu* seis fotografias de outros tantos casais que se mataram mutuamente por... ciúmes, tudo no prazo de uma curta semana.

E borda, a mesma revista, alguns filosóficos comentários sobre a paixão e o amor, pondo estes dois sentimentos em pólos absolutamente opostos, o amor a abdicar de tudo para o bem do objecto amado, a paixão a tudo desejar, a nada conceder, acabando, é claro, por preferir a morte dêsse ser amado, a sabê-lo pertença de outrem.

Depois, êsses crimes cobrem-se com a capa protectora de... *passionais*, e es juizes, por entre quatro fungadelas comovidas perante uma paixão tão... pura, acabam por condenar os réus em penas irrisórias.

Quando se considerará a vida humana como o capital mais valioso de uma nação, como um dom que Deus nos entregou e só êle nos deve tirar?

Quem é que, por esmola nos pode elucidar se a Alemanha sempre saiu da Sociedade das Nações?

Ela diz que sim, mas a Sociedade diz que não, que só daqui a dois anos o pode fazer...

Que mais cheques precisará êsse organismo internacional para dar a alma ao criador?

O Japão engole um grande naco da China, a Bolívia há dois anos que casca no Paraguai, a Rússia e a Mandchúria passam a vida a arreganhar os dentes uma à outra, agora é a Alemanha que, grosseiramente, manda retirar do seio dela os seus diplomatas; e todos os outros, muito compenetrados, continuam bolorentamente as suas conversas ocas em Genebra.

E se, deixando a Genebra, cada um passasse a usar a sua bebida nacional, a beber e a curar as suas bebedeiras na própria casa?

Compulsando um dia dêstes uma revista desportiva em busca de *records*, constatamos um que nos pareceu o mais completo de todos: um corredor italiano, durante um ano, entrou oito vezes no Hospital com as costelas amassadas.

E', na verdade, um autêntico *record*!

Para
pintar
paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10
d u r a 10 minutos
horas
anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para o mote

MACACO e BANANA

que termina hoje, recebemos mais as seguintes quadras:

Por causa duma banana
Vou deixar de dar cavaco
A vizinha Laureana
Porque me chamou macaco.

Amarantino.

O macaco marotão
Parece a preta africana
O que éle é muito capaz
E' de comer a banana.

Almeida Pontes.

Mais vale ser um macaco
E comer boa banana
Do que andar sempre co'um sacco
A pedir toda a semana.

Alfredo Cunha (Raza).

O Polteia é p'r'a desordem
O Brotas p'r'a minha mana
E seguindo nesta ordem
O macaco é p'r'a banana.

Marius.

Quando Deus criou Adão
Deu-lhe a Eva, apaixonada;
Depois, criou p'ró macaco,
A banana adocicada.

Zé de Leixões.

Por lhe môrrer á patrão
O meu macaco chorou;
Mas ao ver uma banana
A gárgálhar começou.

Brasileiro de Prazins.

O nosso Amílcar de Sousa,
Naturista duma cana,
Diz que o homem e o macaco
Não são nada sem banana...

Alexandre Dumas Coisas.

Um macaco descarado
Entra na Casa Africana;
E, p'ra prenda de noivado,
Pede: «Um metrô de banana!»

Gil-Berto.

Quando me chamas: macaco!
Eu sinto uma certa gana
De te fechar a boquinha
Mesmo com... uma banana!

Francisquinho.

Continua o mesmo mote,
Ai, na próxima semana!
O' macaco traz-me o pote,
Que fartote de banana!

Angelo.

A banana é saborosa,
Tem bom gosto, e paladar
Até o macaco goza,
Quando a está a descascar.

Vitor.

Mulher não sejas cigana,
Não queres que fume tabaco!
Só queres que coma banana,
Como se fosse um macaco.

Octávia Maria.

Banana, fruto divino,
Que o macaco faz sorrir;
Porém, há muito menino
Que a grama mesmo a dormir.

Rei das Musas.

Para o macaco a banana,
Para o passarinho o ninho,
P'ra cocheiro a traquitana,
Pr'o tachado muito vinho.

S.

O macaco ao lóbrigar,
Uma banana doirada,
Começa logo a saltar
Numa alegria pegada.

Serigaíta.

Muito gosta de banana
O macaco da Guiné!
Mas há moças d'uma cana
Que a comem mesmo em pé!

Rei Fera.

Amílcar larga a banana,
Que é comida de macaco,
Deves preferir um naco
De vaca que é duma cana.

R. F.

Disse a Rosa: minha mana
Um macaco faz lembrar,
Só abandona a banana
Quando está a ressonar!

Rei Fera.

◆◆◆

O prémio de 20000 foi atribuído á quadra de Alexandre Dumas Coisas, por ser a melhor.

Mote a seguir:

A RAINHA DAS CONSERVAS

Gato escondido...

Prosa conhecida em
versos desconhecidos

Embora há pouco casado,
Sempre que pode, o Rodrigo
Não se faz nada rogado
P'ra dar o corpo ao... castigo.

Golpes sem conta ou medida
No matrimónio já deu;
Mas a espôsa, convencida,
Julga que o melro é só seu.

Co'uma sopeira de estalo
Combinou o bom Rodrigo
Dar um passeio em cavalo,
Pelas matas do... não digo!

Porém, no dia aprazado
P'ra o supradito passio.
O tempo estava danado
E a chuva era mesmo em cheio!

Mas o Rodrigo não teve
A menor apreensão:
Envervou um fato leve,
Um fatito de verão,

E, manhoso qual raposa,
Doce como um alfenim,
Beija, com fervor, a esposa,
E a 'sposa lhe diz assim:

— Já vejo que vais sair,
E levas só essa roupa,
Com tanta chuva a cair...
...Tu vais pôr-te numa sópa!...

El'fica assarapantado
E, sem notar a tolice,
Exclama, desconcertado:
— O' menina!... Quem t'o disse?!...

Bisnau.

Coisas do meu monóculo

Válidos e Inválidos

II

Um dia, inesperadamente, foi chamado ao *Tribunal dos Pequenos Delitos*. Valeu-lhe o Pai na defesa.

Ao sentir-se em liberdade não ganhou juízo e ainda por cima se riu para a justiça com um ar da sua graça.

Chamaram-no em 2.^a edição ao *Tribunal*. Mas desta vez não foi necessário advogado, porque o sr. Juiz reconheceu que o Réu nada do que escrevia era a sério.

Este contudo já não quis mais brincadeiras, porque disse de si para com os botões das cuecas: «Nada. A' terceira é de vez. Por agora não me rio!»

Resolveu então o quê? Dedicar-se a outra arte: à de trolha. E como tal espera cobrir casas e casas com a *Telha Nacional*. Entretanto voltará ainda a gracejar e será chamado pela terceira vez ao *Tribunal*.

Este meu focado de hoje é terrível para as *Damas*. Não escolhe entre pretas e brancas. O que lhe interessa é conquistá-las.

Se a sorte o não bafeja, o humorismo apaga-se-lhe no íntimo e aí temos um Viriato Trágico; se o bom Destino o alaga de ventura, o nosso Homem ressurge em Demócrito mesmo de careca.

Tem *artimanha* e tem *Campos*. Tem valor e tem valores. Tem filhos e tem nariz. E' modesto como o Pai e, como o Irmão, tem um *Opel*.

Só não é, e os Fados o livrem de tal morfeia, sócio da Academia das Ciências.

Fernando.



Considerações diversas — Mentiras muito verdadeiras — O que se consta por aí e o que se não deve contar

Tôda a gente sabe que o jôgo da bola hoje em dia está de cada vez mais bicudo. Os clubes degladiam-se pela posse de um médio-centro de qualidade.

Os jogadores preferem-se às loiras (libras) e o público, pagando sempre já não sabe o que há de querer.

Os austríacos estão agora em moda... e o jôgo do pilha está muito em voga no jôgo do *foot-ball*.

Desgraçado daquele que num desafio qualquer consiga *driblar* três parceiros de seguida, ou dê um tiro indesejável! No dia seguinte, seja em Avintes, Lamego ou na outra Banda, tem à *perna*, (o termo aqui é exacto) nada menos que o Bento da Cooperativa, o Navega da Esmaltagem, o Viriato das Galerias, e o Valença da Cancela Velha.

Todos o convidarão para o primeiro *team* do seu clube, e a cornucópia das benesses é maior que a torre dos Clérigos.

Isto é um facto, meus senhores!

E a cega-rega do dá-me lume, continua todos os dias com uma desvergonha a que só poderá pôr cõbro o respeitável público, porque a Associação de *foot-ball* de cada vez tem menos com isso.

A ser verdade o que ouvimos dizer, nesta altura do ano, há nada menos do que os seguintes pitéus:

— O Alvarito deixou o Pôrto, porque lhe puseram o Banco de Barcelos à disposição.

Também há quem afirme que tornará para o Pôrto, mas isso são coisas do Diniz que fala pela bõca do Rodrigues Teles. Nós só acreditaremos que êle volta quando o Sebastião Mendes o fôr buscar de combóio especial.

— E o Pinga jogará?...

— O Roquete que tem como mister na vida não deixar passar nada nas rédes [nem ninguém nas fronteiras, também não é certo vir jogar no Aca-

démico. Mas se vier é só aos Domingos... quem joga à semana é o Domingos. Contra-sensos da bola.

— O Valença importou um alemão que de português não sabe senão comer. Consta que a estas horas já o Hitler telegrafou ao director do Boavista, convidando-o a arrastar por mais algum tempo a cruz... suástica.

— Também afirmam que o mesmo alemão voltou para a terra a visitar a família. Mas o Valença confia... enquanto não souber que o Bento está em Vilar Formoso com uma cana de Pesca.

— O Costuras continua a ser o jogador desaparecido. Ninguém sabe do Costuras... nem a mãe!... Deus queira que êste caso não venha a rebentar pelas costuras...

— O Alipio do Salgueiros está de cada vez mais gordo! E ainda há por aí quem afirme que os jogadores do Salgueiros não comem!...

Este ano o Campeonato Nacional tem um interêsse desusado. Os clubes estão distribuídos em duas mãos... e a gente vai ver tôda a época jogos de mão morta.

— O Pôrto jogará com o Leça, o Progresso e um clube qualquer de Vila Nova. Serão jogos e pèras...

Se fizessemos parte da Direcção do Pôrto, convidaríamos o Pinga a fugir outra vez para as ilhas, com a obrigação de regressar no fim da época, quando começassem as competições de verdade.

— Os nossos campeões irão bater-se durante três meses contra moinhos de vento em seu prejuizo e no do público, e isto não está certo.

— Na mão esquerda, os valores equilibrar-se-ão melhor. Se bem que ainda ninguém saiba o que vai sair do Boavista, Quem sabe se o Valença não será como os chineses que tiram bichos da *boa-vista*.

Os cartões de livre-trânsito da

Associação de *foot-ball*, obrigam a fotografia. Dentro em breve será obrigatória a certidão de idade.

Não tardará o dia em que um jornal desportivo informe desta maneira os seus leitores a respeito de um desafio entre o Pôrto e o Académico:

Pedimos desculpa aos nossos leitores mas não podemos dar o relato deste sensacional encontro em virtude de se encontrar doente o nosso repórter fotografado.

E quando algum clube não quiser que o jornal X faça a resenha de um encontro, não tem mais que fazer do que mandar atirar um frasco de vitriolo às ventas do repórter desse jornal.

— E quem tem a culpa disto? Os jornalistas de-certo porque se não importam de começar a ter cadastro.

Os encontros de Domingo último foram assinalados por cenas de pancadaria. Os *progressistas* foram alvejados pelos *desportivos* e pagaram-lhes na mesma moeda,

E em Negrelos e Vizela, os adeptos do Boavistas e dos Vimaranenses pegaram-se de razões e foram chamados à *pedra*.

Já aqui vaticionamos que êste ano o jôgo da bola seria marcado com diversíssimos acidentes; mas nunca julgamos que se tornaria numa batalha de rapazes.

Em Lisboa a questão da outra banda tem metido água a valer.

E quere-nos cá parecer que não passará muito tempo em que entre o Pôrto e Gaia se não passe o mesmo. Felizmente para o vizinho concelho, ainda lá se não conseguiu formar um grupo capaz de ombrear com os de cá.

Senão...

Mas por hoje ficamos por aqui. Bem basta já o que aí fica.

Rapaz das Botas.

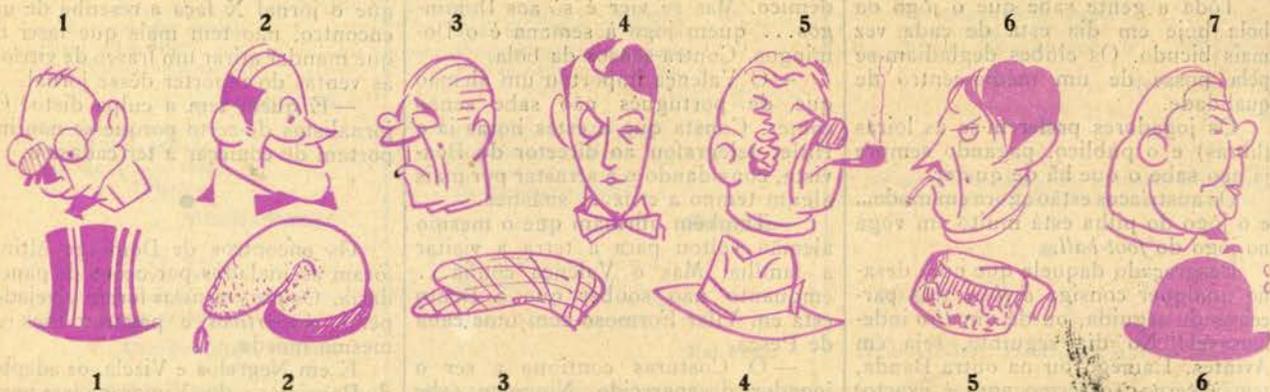


ATLAS

O CALÇADO PREFERIDO PORQUE É O MELHOR

QUAL É O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA?

4.^a SEMANA



O chapéu n.º 1 pertence ao homem n.º
 » » » 2 » » » n.º
 » » » 3 » » » n.º

O chapéu n.º 4 pertence ao homem n.º
 » » » 5 » » » n.º
 » » » 6 » » » n.º

O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA É O N.º

Nome

Pontos certos

Morada

(Cortar por aqui)

O concorrente não tem mais que preencher êsse questionário de cima e remetê-lo à nossa redacção até ao próximo sábado.

Além disso tem de submeter-se ao plano do concurso de Outubro que abaixo publicamos.

Seis destes cavalheiros, são criaturas completas, que além de serem bem formadas sabem trazer a cabeça no seu lugar. Um deles, porém, quere-se fazer fino e saiu de casa sem chapéu. A policia de costumes viu-o nesse estado e quis prendê-lo. Felizmente a amizade dos outros salvou-o porque resolveram todos tirar o chapéu, e o policia vendo-os a todos de cabeça descoberta, ficou indeciso por não saber qual era deles o que o não trazia.

Em face disto, e em nome do enrascado policia, vimos perguntar aos nossos distintos concorrentes:

Qual é o homem da cabeça descoberta?

É necessário adivinhar também qual o chapéu que cabe a cada cabeça, não é verdade?

Desta forma, o concorrente tem de mandar o recorte da gravura com a seguinte explicação:

Aproveitando-se dos números que levam, tanto os chapéus, como os cavalheiros, dizer-nos que o número tal (chapéu) corresponde ao número tal (homem) e que o número tal (homem) é o tipo da cabeça descoberta.

1.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em cheio com a decifração exacta d'êste concurso que está exposta em envelope lacrado na montra da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.

2.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em 5 das 6 combinações necessárias além da indicação do Cabeça descoberta.

3.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam dizer uma vez só qual é o tipo da cabeça descoberta.

4.º prémios — A'queles que em nenhuma das semanas acertem com o tipo da cabeça descoberta.

Os valores dos prémios

3 primeiros prémios de 100 escudos cada um
 5 segundos " " 50 " " "
 20 terceiros " " 20 " " "
 " quartos " " 10 " " "

num total de 1:150\$00 em moeda corrente. E a MARIA RITA a quem promete não falta.

Esplêndido — Engraçado — Um concurso da MARIA RITA

N. B. — Este concurso poderá ser iniciado em qualquer das 4 semanas da sua duração, podendo o concorrente, remeter 1, 2, 3 ou 4 recortes.

Simplemente, aquele que mandar o maior número de recortes, maior número também de probabilidades encontrará para acertar.